

# ANA CLARA E ANELISE: A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA, SOCIEDADE E MELANCOLIA EM *AS MENINAS*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES E *AS PARCEIRAS*, DE LYA LUFT

JULIANA TOAZZA GROSSI<sup>1</sup>; JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – juli.grossi@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – jlourique@yahoo.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

Ao pensarmos no modo como uma narrativa é construída nos reportamos imediatamente a um universo ficcional no qual, pela mão do autor, estabelece-se um enredo inserido em um tempo específico em que as personagens ganham forma e vida. Transitando pelo enredo as personagens apresentam-se como uma categoria ficcional imprescindível às narrativas, através da articulação de ações inseridas em um contexto espaço-temporal específico. Assim, a narrativa desdobrasse em uma relação dialética basilar entre enredo e personagem, como atentou CANDIDO (2011).

A partir dessa perspectiva acerca da personagem pretendemos neste estudo refletir sobre o modo como esta categoria apresenta-se nas obras **As Meninas**, de Lygia Fagundes Telles e **As Parceiras**, de Lya Luft. Para isso partiremos das concepções apresentadas por CANDIDO (2011) e BAKHTIN (2011), importantes teóricos que trazem para o centro de suas discussões os conceitos e problemáticas acerca da construção da personagem na ficção.

Refletindo sobre a representação da experiência de Ana Clara, de **As Meninas**, e Anelise, de **As Parceiras**, analisaremos como o sentimento melancólico condiciona a maneira como as personagens são construídas. Ao percebemos a melancolia como “uma doença de transição e de transformação, uma doença de gente deslocada, de migrantes [...]. Uma doença que atacava aqueles que tinham perdido algo e ainda não haviam encontrado o que buscavam.” (SCLIAR, 2003, p. 238), partiremos de uma perspectiva apoiada nos estudos sociológicos da literatura e, nesse ponto, contemplaremos como as personagens são compostas a partir de um viés melancólico, através da sua relação com a exterioridade. Essa exterioridade se manifesta como um reflexo da nossa sociedade moderna, massificada e reificada, evidenciando a melancolia como um sentimento de perda que perpassa a experiência dos indivíduos. Ao relacionar o social às produções estéticas, partiremos das ideias propostas por CANDIDO (2010), BENJAMIN (1986 e 2010) e BOSI (2010), entre outros teóricos que serão acionados no decorrer de nossa reflexão.

## 2. METODOLOGIA

O estudo comparativo das personagens, como citado acima, apresenta-se como a perspectiva central que norteará nossa reflexão. Propomo-nos ir além do entendimento sobre a construção textual e discursiva de Ana Clara e Anelise, considerando também a maneira que estas se articulam com o meio social que permite e possibilita que tais personagens sejam possíveis na ficção dessas autoras.

Lygia Fagundes Telles publicou sua obra **As Meninas** em 1973, época na qual a repressão política e a censura imposta pela Ditadura Militar ainda estavam

fortemente presentes na sociedade, perpassando o cotidiano dos brasileiros e cerceando suas liberdades, tanto no âmbito coletivo quanto no individual. Esse condicionamento recorrentemente estava sob a máscara do progresso econômico e era percebido com nitidez somente quando afetava diretamente a vida de pessoas envolvidas nos movimentos políticos de esquerda ou através da censura aos meios midiáticos. A sociedade, inebriada pela perspectiva ideológica positiva em relação ao regime, não podia ver-se a si própria e a vulnerabilidade que o autoritarismo político lhe impunha. Desse modo, **As Meninas** se estrutura a partir de um contexto histórico ímpar na sociedade brasileira, no qual as personagens protagonistas representam um mapeamento temporal que permite a percepção de como a produção estética representa os eventos da história, enriquecendo seu entendimento em uma articulação onde o artístico se sobrepõe ao real.

Em **As Parceiras**, publicado em 1980, a violência não se configurava mais como uma política de estado e a repressão ditatorial diluía-se, enfraquecendo o regime, que cinco anos mais tarde sucumbiria com a vitória da democracia, apresentando um Brasil mais livre e aberto aos estímulos externos, característicos da abertura política da pós-ditadura. Na tentativa de compreender a história, não no seu *continuum*, mas percebendo a experiência coletiva unindo o ato de narrar “com uma prática transformadora, ao mesmo tempo redentora e revolucionária.” (GAGNEBIN, 2011, p.1) iremos confrontar criticamente a construção estética de Ana Clara e Anelise. A distância temporal e o contexto sócio histórico e cultural de produção das obras aqui estudadas podem, em um primeiro momento, ser percebidas como problemáticas apresentando-se como uma impossibilidade de comparar personagens tão díspares como as mencionadas acima. As duas são construídas esteticamente de maneira distinta, fato que parece as afastar de um estudo literário comparatista que se pretenda eficiente. Mas é justamente pelo seu antagonismo, por serem representações de mulheres brasileiras que viveram em uma conjuntura que parece as afastar, que acreditamos que a comparação entre as personagens citadas seja enriquecedora (e também desafiadora) a fim de compreender como a narrativa artística se articula com a ideologia capitalista e como a construção das personagens pode ser compreendida a partir de uma leitura dialética entre elas.

A partir da inquietação formulada por GAGNEBIN (2011), iremos analisar Ana Clara e Anelise na perspectiva de benjaminiana no que tange o sentimento de perda como um aparente desinteresse pela exterioridade, mas que ultrapassa essa compreensão, indicando uma ruptura da visão positiva do processo histórico. Essa postura melancólica não vai ser visualizada pelo seu aspecto negativo, de alienação, mas na sua materialidade e importância como um símbolo que remete a própria configuração da modernidade e seus reflexos nos indivíduos e nas produções literárias, principalmente.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O indivíduo melancólico apresenta certa tristeza e desinteresse pelo mundo. Ilustrado por Albrecht Dürer na gravura intitulada Melancolia I (1514), a melancolia é apresentada de maneira alegórica, na qual o sentido literal não veicula-se diretamente ao sentido *verdadeiro*. Na gravura, temos um anjo sentado apoiando o rosto com o braço esquerdo sobre o joelho, seu olhar é de enfado e não se fixa em nenhum ponto, além disso, os vários objetos representados na imagem e a volta do anjo não lhe provocam interesse aparente. Mesmo a leitura precária da obra de Dürer pode ser útil para o nosso entendimento da melancolia. De acordo com KONDER (1999), na obra **O Marxismo da Melancolia**, ao comentar sobre a

tese de Walter Benjamin intitulada Origem do Drama Barroco Alemão, há uma evidente necessidade do acionamento de alegorias para possibilitar a expressão, já que somos seres fragilizados e, por isso, necessitamos de imagens que remetam a outros níveis de significação, transpondo a interpretação primária. Relacionando o conceito de alegoria à melancolia, Konder fala textualmente:

O recurso à alegoria, segundo Benjamin, nos é imposto pelas condições históricas em que nos encontramos; somos sobreviventes de uma destruição paulatina de todos os grandes valores antigos, que foram alvitados e transformados em escombros pela mercantilização da vida. “As alegorias são, no reino do pensamento, o que as ruínas são no reino das coisas.” [...] Melancolia e alegoria se apoiam uma na outra: somos melancólicos porque só alegoricamente conseguimos lidar com os objetos cuja universalidade nos escapa. (KONDER, 1999, p.36)

Dessa forma, a alegoria não é acionada na produção literária somente para expressar o que não pode ser diretamente posto em palavras, mas alia-se ao empobrecimento do ato de narrar e sua articulação com a história. A melancolia como elemento constitutivo das personagens Ana Clara e Anelise remete não só a interioridade das personagens e sua subjetividade, mas transpõe essa compreensão basilar, indicando a vulnerabilidade dos indivíduos no processo de modernização. Uma nova configuração de mundo se constrói, apagando o passado sem veiculá-lo ao novo, há, assim, o sentimento de perda: perda das certezas, da totalidade das experiências, dos saberes do passado. Tudo isso leva o indivíduo a uma posição de incerteza e fragilidade que o afasta da exterioridade, isolando-o.

#### 4. CONCLUSÕES

BENJAMIN (1986) comenta que a experiência costumava ser comunicada aos jovens, em uma articulação entre a memória e experiência. Com o estabelecimento da produção industrial massificada e da ascensão do regime político-econômico capitalista relacionado intrinsecamente ao desenvolvimento massivo da técnica, houve uma ruptura desse mecanismo de transmissão. Essa nova condição do homem na modernidade modificou não só sua relação com o trabalho, mas também suas relações com o outro e principalmente com a cultura. Dessa forma, inserida na história, a melancolia reflete não só o funcionamento da sociedade em si como seus desdobramentos nas produções estéticas. Especificamente, no caso do nosso estudo, na construção das personagens analisadas.

De acordo com Jaime Ginzburg (2012) “o melancólico estaria portanto em uma espécie de ponto de mediação temporal, a partir da qual vê com sofrimento o passado, em razão das perdas, e se inquieta com o futuro, pelo medo de um possível dano.” (GINZBURG, 2012, p.48). A partir desse entendimento da melancolia como um estado no qual o indivíduo se sente paralisado e desestimulado pelo medo do sofrimento que o acometeu no passado suceder novamente, Ana Clara e Anelise se tornam próximas, pois ambas apresentam esse medo de fracassar mais uma vez. Percebemos que elas se aproximam também pois ambas frustram-se ao não realizar determinados desejos, impossibilitando a completude da experiência, como indicou BENJAMIN (2011). Enquanto Anelise vê suas incessantes tentativas de ter um filho não se efetivarem

devido ao fato de sofrer abortos espontâneos e depois, gerar um filho (Lauro) fadado à morte por um acidente durante o parto; Ana Clara visualiza um futuro próspero, com dinheiro e formada em psicologia, mas a realidade imediata a impossibilita de concretizar seus desejos devido ao vício em drogas.

Dessa forma, percebemos como a ficção estabelece relações com o contexto histórico e social e qual a inter-relação essencial que se instala entre a produção literária da atualidade com os processos sociais desumanizadores e segregadores da sociedade moderna.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAUMAN, Z. **O Mal-estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. 1ª Ed. São Paulo: Brasilense, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- BOSI, A. **Ideologia e contraideologia: temas e variações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CANDIDO, A. [et al]. **A Personagem da Ficção**. 12ª edição. São Paulo: Perspectivas, 2011.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária**. 11ª edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- FERNANDES, F.(Org.) **A origem da família, da propriedade privada e do Estado em Marx/Engels**. São Paulo: Ática, 1983.
- FREUD, S. **O mal estar na civilização**. Trad. Paulo César de Souza. 1ª Ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Luto e melancolia**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- GAGNEBIN, J.M. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GINZBURG, J. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- KONDER, L. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.
- KRISTEVA, J. **Sol negro: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- LUFT, L. **As Parceiras**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.
- ROUANET, S.P. **Riso e Melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garret e Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PRIORE, M.D. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 5ª edição. São Paulo: Contexto, 2001.
- TELLES, L.F. **As Meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- XAVIER, E. **Tudo no feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: 1991.
- \_\_\_\_\_. **Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.